

Testemunho Episcopal

MENINOS, EU VI!

Meninos, eu vi – e li – na revista “O *Cruzeiro*”, há exatos 52 anos, o Arcebispo de Cantuária, *Dr. Geoffrey Fischer*, coroando a rainha Elizabeth II, minha primeira memória do anglicanismo. Volta e meia, as reportagens dos anos 1950 relacionavam a família real com a Igreja da Inglaterra. Idem os livros didáticos dos Colégios. Uma matéria alusiva ao falecido presidente norte-americano *Franklin D. Roosevelt* mostrava o momento do enterro com um cruciférário e um clérigo episcopal de cassoque preto, sobrepeliz e tipete. “*Que interessante e estranha igreja é essa?*”, me perguntava, como criança e adolescente católico romano praticante.

Meninos, eu vi, na rua Carneiro Vilela, no bairro dos Aflitos, no Recife-PE, na “*Holy Trinity Church*”, há exatos 40 anos, a comunidade de fala inglesa e o seu Pároco, reverendo *John Ellsworth* (que me fez ler – ainda começando a universidade – o alentado “*A History of the Church in England*”). Por lá passaram os reverendos *Phillip, Pape, Sad, Medeiros*, e, em particular, o pioneiro em língua portuguesa, reverendo *Alfredo Rocha da Fonseca Filho*, que me convidou para o acolitar em seu primeiro culto, e no culto da primeira visita do *Bispo Sherrill*, enchendo-me de literatura, e fazendo uma estranha “*profecia*”: “*Se esse rapaz fosse anglicano... chegaria a Bispo...*” Impressionado fiquei com a visita do reverendo *José Del Nero*, grande pregador e exímio musicista, a tocar o velho órgão de tubo. “*Que interessante e estranha igreja é essa?*”, me perguntava como jovem universitário luterano (IELB) praticante.

Meninos, eu vi, no ginásio da Universidade de Illinois, em Urbana, EUA, o reverendo *John Stott*, há exatos 37 anos, expor, para uma silenciosa e atenta platéia de 8.000 estudantes, de 52 países, na Conferência Missionária da Aliança Bíblica Universitária (IVF), o livro de II Timóteo. Passei a devorar os seus livros, os de C. S. Lewis, os de J. I. Packer, e de outros autores evangélicos anglicanos, como era comum nos anos 1960 e 1970. A essa altura, já começara a “*piruar*” cultos anglicanos aqui, ali e acolá, em

minhas viagens. *"Estou me sentindo atraído por essa interessante e estranha Igreja"*, dizia como jovem professor universitário luterano e missionário com a ABU.

Meninos eu vi – e li – a literatura disponível sobre a então *"Igreja Episcopal Brasileira"*, e conversei com quem pude, para matar uma curiosidade arrefecida. Havia, claramente, um passado épico (1890-1949), com os bispos *Kinsolving* e *Thomas*, evangélicos, com a Igreja se sentindo parte do mundo protestante (Confederação Evangélica Brasileira), com uma taxa de crescimento semelhante a do presbiterianismo (em cujo Colégio *"José Manoel da Conceição"*, em Moema-SP acorriam os postulantes às Sagradas Ordens). Mas, isso era passado, apenas passado. Como passado era o episcopado anglo-católico tradicional do Bispo *Melcher* (nos anos 1950). Conheci os seus piedosos (e formais) *"descendentes eclesiásticos"*, os bispos *Kratz*, *Simões* e *Sória*. Mas, agora, para aquela corrente *"se todo batizado é cristão, evangelizar o Brasil é mero proselitismo"*. E foi aí que começou a declinar o ardor missionário, e a declinar a taxa de crescimento. Salário e pensões vindas da (P)ECUSA. Dólares cortados e *"crise de vocações"*, seminário fechado por dez anos, uma *"igreja de manutenção"* e não de expansão, ênfase demasiada na liturgia, distanciamento do mundo protestante e acercamento do mundo católico romano. Algo de profundo estava se passando, e, definitivamente, a Igreja não era mais a mesma. *"Sinto-me atraído pelo Anglicanismo, e pela antiga Igreja. Não tenho nenhuma afinidade com essa 'nova'"*, lamentava há mais de 30 anos.

Meninos, eu vi, o Bispo *Sherril* como um dos co-presidentes da *"Cruzada Billy Graham Grande Rio"*, e também vi – e ouvi – o malabarismo da tradução do reverendo *Benjamim Moraes Filho*, presbiteriano, para evitar um desastre com a fala do Arcebispo de Cantuária, *Dr. Michael Ramsey*, diante de 150.000 pessoas no estádio do Maracanã, censurando o fato da própria campanha, em nosso país *"cristão"*. Aquela altura, algumas comunidades inglesas permaneciam isoladas e declinantes, muitas comunidades japonesas permaneciam isoladas e declinantes, também. Livros, bolsas, missionários, traziam, então, avassaladoramente, o liberal catolicismo, com o seu

universalismo (“*Para que evangelizar se todos estão salvos?*”). Novas missões não eram abertas, velhas missões fechavam, congregações envelheciam, em uma instituição atingida por uma crise de decadência (algo exótico para a realidade religiosa brasileira), a única denominação reformada a romper com a proposta dos seus pioneiros. “*Por aí não vou. E, se entrar, serei trucidado*”, pensava com os meus inquietos botões nos anos 1970. E o que dizer de todas aquelas igrejas e cultos anglicanos que ia freqüentando enquanto viajava pelo mundo?

Meninos eu vi – e conversei – com *Bispo Sherrill*, em dezembro de 1975, na reunião com o secretário executivo do Movimento de Lausanne, *Gottfried Osei-Mensah*, no Seminário Batista, no Rio de Janeiro. Percebi que o velho guerreiro já estava desencantado com o “*novo*” anglicanismo do sul-sudeste do Brasil, e partia para sua grande, nova, e última cartada. Criei coragem, e lhe perguntei: “*Bispo Sherrill, quando é que o senhor vai criar um trabalho evangélico e evangelístico no Nordeste?*” Fitando-me com seus expressivos olhos azuis, me respondeu: “*Quando vou criar? Já criei. O reverendo Paulo Garcia está lá para isso. E eu em breve para lá também vou*”. O coração do jovem aluno do Mestrado em Ciência Política do IUPERJ bateu forte. A conversa animou-se. Voltei para o Recife, fui morar nos Aflitos, freqüentar a Paróquia da Santíssima Trindade, e, em 21.06.1976, no dia que completei 32 anos, ao lado do meu hoje falecido genitor, fui recebido na comunhão da então “*Igreja Episcopal do Brasil*”.

Meninos, eu vi – e convivi – com o *Bispo Sherrill* por 11 anos. Com ele fui “*leitor*” (ministro leigo), postulante, candidato, diácono e presbítero (e ele seria um dos co-sagrantes do meu episcopado). Aprendi muito com ele. Vi nascer as primeiras missões. Cansado de tantos anos de episcopado – primeiro no Rio de Janeiro, e, depois, no Recife –, ele concedia espaços demais para o titular da principal Paróquia (seu pupilo de estimação, em quem tanto acreditava), não teve a paciência de emancipar a então Diocese Setentrional, missionária, não articulou com os seus colegas bispos (era, então, primaz em exercício, com a morte do *Bispo Kratz*), nem

apresentou uma lista com nomes alternativos, quando da sua sucessão. Foi um voto plebiscitário, onde amargou a sua maior e mais dolorosa derrota. Ele – e o nordeste – teve que engolir alguém totalmente desconhecido, como uma forma de *“intervenção branca”* (votada pelo Sínodo) da já hegemônica corrente liberal católica. Como jovem Diácono e Coadjutor, tive que dar a notícia à Paróquia da Santíssima Trindade. *“Acabou-se o que era doce... É fria...”*, comentava com meus botões diaconais.

Meninos eu vi o choro e a revolta dos fiéis, a depressão do Pároco e o desalento do Bispo. Eu vi – e fui *“apresentador”* (de quem não conhecia) na sagração do novo Bispo, em Porto Alegre, e, ainda, *“escalado”* para fazer discursos de saudação (*“O que é que eu vou dizer?”*) lá e cá. Eu vi Sherrill ir embora, e convivi com a nossa Diocese em *“guerra fria”* entre o *“Bispo de Direito”* e o *“Bispo de Fato”*. Tensões, cooptações, fofocas, traições, terrorismos. *“Detesto evangélicos, e odeio carismáticos”*. E nós? E agora? *“Onde é que fui me meter”*, comentava com os meus botões presbiterais, na Emanuel, na Santíssima Trindade, e na marginalizada Missão da Redenção.

Meninos eu vi – e li – os documentos das Conferências de Lambeth de 1968 e 1978 (emprestados por Sherrill) e 1988 (emprestados por Clóvis). Lambeth 1998 eu estava lá, como *“testemunha ocular da História”*. Congressos, Encontros, Consultas, visitas a templos-museus – lá e cá – e a multidões sem templo, por esse mundo anglicano a fora. A ECUSA perdendo um milhão de membros, e a Igreja da Nigéria ganhando sete milhões de membros. São tantas as memórias...

Meninos eu vi, por tantas vezes, como delegado diocesano ao Sínodo e membro da JUNET – nos episcopados de Sherrill e Clóvis – a velha sede provincial como uma desoladora *“cidade fantasma”*, literalmente cheirando a mofo. Uma sensação terrível de decadência. Nunca a Província se confrontou com a verdade dos números: em Lambeth falaram que tínhamos mais de 100.000 membros, contando todo mundo (vivos e mortos), desde *Kinsolving*, em uma experiência única de união estatística entre a *“igreja triunfante”* e a *“igreja militante”*...

Meninos eu vi, toda a cúpula da IEAB (o termo “*Anglicana*” foi proposta minha ao Sínodo) reunida para comer e beber no restaurante do português que existia na esquina da rua da sede provincial. E eu, um tanto deslocado, caí na besteira de falar algo como “*quando eu me converti*”, para receber um sonoro apupo (que o então primaz, Olavo, tentou consertar), sem dúvida uma das mais dolorosas experiências de toda a minha vida cristã.

Meninos eu vi “*O Estandarte Cristão*” transformado em um “*Pravda*”, um “*Diário Oficial com Fotos*”, com um intransigente unilateralismo. Todas as publicações e todos os oradores da Província de uma só linha de pensamento. Era uma tremenda gafe se falar em correntes do anglicanismo. Inclusividade? “*O que é isso companheiro?*” A nossa Igreja é muito pequena para se dar ao luxo de ter correntes. O que vale é a “*corrente da Igreja*” (leia-se, o liberal catolicismo). A (P)ECUSA já tirara o “*Protestante*” do nome. Aqui, evangélicos e carismáticos, discriminados, eram cidadãos de segunda classe. E ex-evangélicos que aderem, vão se tornando os mais ferrenhos adversários do evangelicalismo. Praticando um “*ecumenismo unilateral*” (apenas com liberais/Teologia da Libertação) a IEAB foi, progressivamente, se isolando, apesar da presença formal nos órgãos ecumênicos (diga-se de passagem, esvaziados).

Meninos eu vi o milagre do que foi a minha eleição ao episcopado, e o milagre maior de ter sobrevivido até aqui. Eu vi – e ouvi – o secretário da Câmara dos Bispos ler a ata da reunião extraordinária (realizada em São Paulo), em que se tentou obstacular a homologação da minha eleição, por “*representar um perigo para o futuro da Igreja*”. No dia seguinte tive que ser socorrido no serviço médico do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Com diferenças essenciais que apenas, com o tempo, vão se acentuando, é difícil se falar em “*colegialidade*”, apesar da civilidade e da cortesia, que se deve buscar (e nem sempre se consegue).

Meninos eu vi a grande Diocese que me coube supervisionar (que incluía a Amazônia), o nosso Colégio falindo em Belém-PA, com 27 ações trabalhistas e 03 processos de crime do colarinho branco. Por toda Diocese, impostos atrasados, dívidas, cânones ultrapassados, ausência de CNPJ, desconhecimento de Bíblia, ignorância do Anglicanismo, barreiras contra o Episcopado, individualismo, congregacionalismos, cismas, aventureirismo. Eu vi o liberalismo se infiltrar e resvalar na “*crise gay*” do Concílio de 2003. “*Afasta de mim esse cálice*”.

Eu vi – e conversei com o Arcebispo *George Carey* (que almoçou em minha casa), e com o Arcebispo *Rowan Williams* (almoçamos juntos em restaurante de hotel). Já vi muita coisa de muita gente em 28 anos de anglicanismo. Eu vi o anglicanismo mundial, e me apaixonei por ele. Dele há, ainda, escassos sinais na DAR. A IEAB, por sua vez, tem sido apenas uma jurisdição, um espaço institucional, um glorioso passado longínquo, um decadente e intolerante passado recente, um presente de tensões e um futuro incerto. O eco da onda pan-sexualista e pro-sodomita, que nos vem da ECUSA, é apenas uma parte visível dos seus problemas.

Será, meninos, que *Kinsolving* sonhou e trabalhou em vão? Será, meninos, que *Sherrill* sonhou e trabalhou em vão? Será, meninos, que eu tenho sonhado e trabalhado em vão? Será a DAR um dia uma verdadeira Diocese Anglicana? Haverá um reavivamento na IEAB? Haverá um futuro para o anglicanismo evangélico e/ou carismático entre nós? Pelo tanto que já vi, o que posso antever? “*De boas extensões está pavimentada a estrada que conduz ao inferno*”. Equívocos, inexperiência e ingenuidade constroem o acostamento dessa estrada, e a ambição a sua sinalização.

Meninos, por mais de meio século eu vi. E continuo vendo. Estou vendo se aproximar a poeira do tropel do Cavalo de Tróia. Estou de olhos abertos.

Paripueira (AL), 07 de Julho de 2004.

Dom Robinson Cavalcanti, ose
Bispo Diocesano